

A pandemia da Covid e o povo indígena Puyanawa¹

The Covid Pandemic and the Puyanawa Indigenous People

La pandemia de Covid y el pueblo indígena Puyanawa

*Jósimo Puyanawa**

Recebido em: 04/05/2021

Aceito em: 28/09/2021

Resumo

Nesta conferência pretendo discutir como meu povo Puyanawa compreende o novo coronavírus em tempos pandêmicos e chama atenção para como devemos criar nossas trilhas no mundo. Relato os entendimentos míticos-históricos que associam a destruição da floresta com a produção de novos adoecimentos. Produzimos uma ciência indígena que compreende os problemas e busca soluções. Os serviços públicos de saúde indígena não conseguem compreender a importância do diálogo com as ciências indígenas, não problematizam em profundidade ou acionam os conceitos de singularidade e peculiaridade. Os problemas se avolumam com serviços de saúde frágeis e com a desqualificação das ciências indígenas. Mas, insistimos com as nossas ciências ao discutir a apresentar trilhas seguras para o bem viver indígena.

Palavras-chave: Covid-19, Cosmologia, Puyanawa.

Abstract

In this conference I intend to discuss how Puyanawa people, my people, understand the new coronavirus in pandemic times and call attention to how we should create our paths in the world. I report the mythical-historical understandings that associate the destruction of the forest with the production of new illnesses. We produce an indigenous science that understands problems and seeks solutions. Indigenous public health services fail to understand the importance of dialogue with indigenous sciences. They don't question in depth or trigger the concepts of uniqueness and peculiarity. Problems compound with fragile health services and the disqualification of indigenous sciences. But, we insist with our sciences when discussing to present safe paths for the indigenous "bem viver" (good life).

Keywords: Covid-19, Cosmology, Puyanawa.

* Doutorando em Antropologia Social no Museu Nacional/UFRJ. E-mail: josimo.constant@gmail.com

Resumen

En esta conferencia pretendo discutir cómo mi gente de Puyanawa entiende el nuevo coronavirus en tiempos de pandemia y llamar la atención sobre cómo debemos crear nuestros caminos en el mundo. Reporto los entendimientos mítico-históricos que asocian la destrucción del bosque con la producción de nuevas enfermedades. Producimos una ciencia indígena que comprende los problemas y busca soluciones. Los servicios de salud pública indígenas son incapaces de comprender la importancia del diálogo con las ciencias indígenas, no problematizan en profundidad ni desencadenan los conceptos de singularidad y peculiaridad. Los problemas se agravan con la fragilidad de los servicios de salud y la descalificación de las ciencias indígenas. Pero, insistimos con nuestras ciencias cuando se habla de presentar caminos seguros para el buen vivir indígena.

Palabras clave: Covid-19, Cosmología, Puyanawa.

Sou Jósimo Puyanawa, indígena pesquisador e antropólogo. Irei relatar os “informes” do meu povo sobre a pandemia da Covid-19. Em nossa língua, meu nome é *Kãdeyruya*, que quer dizer “bom professor”, nome dado pela anciã Railda Manaitá, considerada a “síntese” do povo, isto é a pessoa com maior domínio sobre a história e a língua. Meu povo está localizado no estado do Acre, município de Mâncio Lima. Irei falar sobre quando recebemos notícia dessa pandemia, que hoje está nos assolando, atacando o contexto mundial, brasileiro, indígena e em todas as comunidades. As narrativas dos nossos anciãos nos dão alguns informes. O interessante dentro das narrativas é que quando a gente “senta” diante dos nossos anciãos para ouvi-los, eles falam muito sobre essas palavras, sobre esses informes. Essas narrativas existem desde o período do mundo imaterial.

A narrativa da criação fala que aconteceu uma traição de uma mulher por nome de *Dukawa*, com um minhocão (*nuñuwã*), que saiu da terra. O marido ficou com muita raiva, preparou um veneno e derramou nas partes da mulher. A partir desse momento surgiram muitas cobras no mundo, que na nossa língua são denominadas de “*bitsawata*”. São serpentes venenosas ou almas invi-

síveis, agentes patogênicos invisíveis. Almas invisíveis e venenosas, ou serpentes venenosas e invisíveis. E eles falam que essas serpentes se espalharam pelo mundo. Os anciões, eles dizem que essas serpentes hoje podem ser esses inimigos invisíveis que nós estamos enfrentando, o coronavírus e outros malefícios. Esse é um dos informes das nossas narrativas.

Nesse contexto de adoecimento da pandemia, hoje, temos grandes desafios, eles são enormes. Por exemplo, a saúde indígena, os serviços de saúde indígena, nos coloca em uma posição muito vulnerável. Esses serviços da saúde indígena, uma conquista do movimento indígena, não estão sendo objeto de preocupação por parte dos nossos governantes. Somam a essa fragilidade dos serviços de saúde, as invasões aos nossos territórios, as ameaças, tudo que nós estamos sofrendo. Toda a mineração, a poluição dos rios, desmatamentos, queimadas, tudo isso pode se concretizar e se materializar nesses inimigos invisíveis. O entendimento sobre a Covid-19 dentro do contexto do nosso povo, principalmente aqui, nas falas, ela não é entendida como um vírus que surgiu em uma cidade qualquer. Não. São muitos os fatores, que se somaram e são muitos os desafios que devemos enfrentar.

Um grande desafio está nesses inimigos invisíveis adentram o território ou as casas de saúde indígena onde estão nossos parentes. Essas casas são espaços desestruturados pelo descaso dos governos, assim, essas casas são frágeis. A saúde indígena (os serviços de saúde indígena) é frágil. Ela ainda não é pensada dentro dos padrões tradicionais, culturais, dos povos indígenas. Existem duas palavras que são muito fortes e importantes para nós e que, hoje, não são trabalhadas, não se navega muito dentro dessas profundezas, da densidade dessas palavras na vida que acontece nos serviços de saúde indígena. São essas: singularidade e peculiaridade. Essas duas palavras ainda faltam muito dentro do contexto

da saúde indígena.

Dentro das nossas próprias comunidades, dentro dos nossos próprios informes, nós também temos nossas soluções. As terras indígenas quando são terras demarcadas, nos permitem protegê-las, nós conseguimos fazer o manejo sustentável do nosso ecossistema, da nossa terra, da nossa plantação. Temos nossos objetivos no território, são elementos importantes de nossas vidas. Esse território tem resposta contra esse vírus, que hoje está nos afetando. Então, é importante a gente frisar que quanto mais temos a nossa terra, sabemos preservar os seres, animais e plantas, junto com uma política eficaz, dentro do cenário brasileiro e mundial, trabalhando juntos, toda a sociedade, todos os povos, todas as comunidades tradicionais, os conhecimentos indígenas, todos juntos, podemos construir soluções. Nesse exato momento da pandemia, precisamos ter os conhecimentos indígenas como protagonistas. Que sejamos protagonistas, porque os povos indígenas, eles também têm as suas interpretações de ver o mundo, de lidar com o mundo e respeitar o mundo. E de como também encontrar as suas soluções. Não é por acaso que nós estamos aqui, há tanto tempo resistindo.

De acordo com os anciãos Puyanawa, essas almas/serpentes venenosas invisíveis se espalharam pelo mundo e podem ser esse inimigo invisível que enfrentamos. As soluções para esta pandemia podem estar no encontro de saberes, onde as ciências indígenas, que historicamente foram menosprezadas, atuem em conjunto com outras ciências e epistemologias. É preciso reconhecer o protagonismo da ciência indígena no mundo, pois seus modos de manejar a floresta, o cuidado no plantar, colher, coletar, caçar e pescar sustentam a convivialidade entre seres visíveis e invisíveis, humanos e não-humanos.

Aceitando o desafio que apresentamos aos brancos (*dawa*),

ao falar da possibilidade do diálogo entre epistemes, vemos, por exemplo, a potência da interação da ciência Puyanawa se encontrando com pesquisas feitas na Universidade da Columbia, nos EUA, que apontaram a presença de grande quantidade de coronavírus entre morcegos na floresta amazônica (ANTHONY, 2017). As almas/serpentes venenosas se espalharam e estão por aí, temos que saber manejá-las com respeito e com a sabedoria dos nossos anciões, e entender que isso também é uma forma de nos proteger delas. A solução para essa pandemia, que extrapolou o corpo desses animais está, nas palavras dos anciões Puyanawa, na forma como manejamos e cuidamos da floresta. A solução não está no extermínio dos morcegos que cumprem um papel no ambiente ou no desmatamento da floresta, essas ações amplificariam o problema, mas em saber cuidar e viver na floresta com os seres que a habitam, em proteger os territórios e as ciências indígenas. Em tempos de ataques às vidas e ciências indígenas é urgente ouvir as epistemologias que povos tradicionais há séculos produzem e tentam dizer a todos, pois essas já nos informavam sobre a tragédia que iria se instaurar e se instaurou.

A saúde indígena desenvolvida pelo governo ainda não se deu conta disso, das singularidades e peculiaridades do mundo indígena, esses serviços de saúde alcançam os povos indígenas na atenção básica, desenvolvida nas Terras Indígenas, promovendo a saúde e prevenindo adoecimentos e na média a alta complexidade que são realizadas nas cidades. Esses serviços deveriam ter se preparado para lidar com essa pandemia e atuar na sua contenção, mas suas estruturas estão alicerçadas sob o racismo estrutural o que os impedem de pensar e propor medidas que são realmente eficazes na manutenção do bem viver² indígena. Na luta contra a ausência e violência estatal, os povos indígenas se organizam, se protegem e nos relembram do que já se avistava e avisam do

cuidado que devemos ter com a terra, pois nela há agência, e que dependendo da forma como a tratamos ela nos responde ou com fartura ou com catástrofe.

Notas:

1. Essa conferência foi feita por Jósimo Puyanawa, o texto apresentado aqui foi revisto pelo autor. Conferência proferida ao Laboratório Matula, realizada em 30 de abril de 2020.

2. Bem viver é um paradigma complexo vivido pelos povos indígenas andino que traduz um modo de viver no passado-presente-futuro, baseado em uma conexão com diversos seres da floresta, das águas, do ar, elementos culturais indígenas. O bem viver é acionado como uma forma de tradução para os não-indígenas por diversos povos indígenas, hoje, como garantia dos direitos fundamentais, práticas e usos sustentáveis, manejo da floresta sem causar destruição para não despertar as serpentes venenosas, de acordo com meu povo.

Referências:

ANTHONY, Simon. *Bats are the major reservoir of coronaviruses worldwide*. 2017. Disponível em: <https://www.publichealth.columbia.edu/public-health-now/news/bats-are-major-reservoir-coronaviruses-worldwide>.